

O LIVRO INFANTIL DE ARTE COMO MEDIADOR ENTRE A OBRA DE ARTE E A CRIANÇA

THE CHILDREN'S ART BOOK AS A MEDIATOR BETWEEN ART AND THE CHILD

Letícia Britto/UFPEL

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise sobre a influência de livros infantis de arte contemporânea dentro do ensino de artes visuais para crianças de pré-escola, considerando a criação de cada uma das atividades, a proposição destas e consequentes práticas e resultados. Para a montagem das oficinas foi utilizada a coleção *Arte à Primeira Vista (2009)*, de Renata Sant'Anna e Valquíria Prates.

PALAVRAS-CHAVE

Arte Contemporânea; Artes Visuais; Livro Infantil; Prática Docente.

ABSTRACT

*This article presents an analysis of the influence of children's books of contemporary art within the teaching of visual arts for pre-school children, considering the creation of each of the activities, their proposition and consequent practices and results. For the assembly of the workshops, the collection *Arte à Primeira Vista (2009)*, by Renata Sant'Anna and Valquíria Prates, was used.*

KEYWORDS

Contemporary Art; Visual Arts; Children's Book; Teaching Practice.

Este artigo apresenta as atividades desenvolvidas e conhecimentos adquiridos a partir do Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – RS, onde foram desenvolvidas oficinas em uma turma de pré-escola da Escola Municipal de Ensino Fundamental Piratinino de Almeida - Pelotas - RS, nos meses de março e abril de 2013, tendo intuito de observar na prática como se dá uma metodologia de ensino de arte contemporânea para a pré-escola, considerando a criação de cada uma das atividades, a proposição destas para as crianças e consequente prática e resultados.

Para a montagem das oficinas, uma coleção de livros de arte, voltados para o público infantil foi determinante, inclusive para a escolha dos artistas, considerando o desejo inicial de oferecer às crianças diferentes linguagens. E auxiliaram a pensar as atividades a serem propostas para as crianças. A coleção intitula-se *Arte à Primeira Vista* (2009), e foi criada por Renata Sant’Anna, professora titular da Faculdade Santa Marcelina no curso de Educação Artística, e Valquíria Prates, docente do curso de Pós-Graduação em Arteterapia da Universidade de São Marcos, produtora cultural, gerente de projetos e escritora. Cada um dos quatro livros até o momento publicados é livro especificamente voltado a um artista e a sua produção. Nessa coleção, há, portanto uma ênfase à obra artística, à linguagem do artista, a suas escolhas, seus processos, seus materiais, suas questões. Cada livro, sobre artistas brasileiros ou que produziram no Brasil, tendo, portanto nosso país como horizonte, vem acompanhado de um *caderno-ateliê*, que recebe este nome justamente por fazer referência ao local de trabalho do artista, o ateliê. Cada caderno possui sugestões para atividades relacionadas aos artistas e a suas obras. Os quatro livros são sobre Lygia Clark, Leonilson, Frans Krajcberg e Regina Silveira, conforme se pode ver na Figura 1, abaixo.



Figura 1 - Capas com design criativo que remetem à obra e materiais utilizados pelos artistas e ao lado o caderno-ateliê referente a cada livro. Fonte: Arquivo da autora

Cabe salientar o design das capas e das tipografias utilizadas, que estimulam a percepção de elementos presentes na própria obra do artista, ampliando desde aí a experiência estética do leitor, neste momento em que entra em contato com o livro.

é um livro que reúne uma materialidade adaptada a atividades práticas lúdicas e um suporte de leitura afim à proposta de ler brincando. A partir de sua visualidade e às vezes de seu formato, [...] convida a criança à atividade, à ação direta. Pode se dirigir ao leitor alfabetizado ou ao leitor ainda não-alfabetizado. [...] Sua plasticidade gráfica e artística, performance e tecnologias estão adaptadas a usos de interagir e brincar. (PAIVA, 2013)

Trata-se de um livro-brinquedo, livro interativo no melhor sentido que um livro se propõe à produção de sentidos pode oferecer. Podemos pensar neles como livro “objeto estético”. De acordo com Paiva o termo “livro-brinquedo” pode ser aplicado aos livros que convidam o leitor ao manuseio direto, a jogos imaginativos, a passeios sensoriais-visuais, sem que necessariamente sejam estritamente livros de imagem, como é o caso da coleção *Arte à Primeira Vista* (2009).

Todos esses quatro livros apresentam páginas que se abrem em diferentes direções e que proporcionam interatividade com o leitor, e esta interatividade sempre busca alguma ligação com a obra do artista, como por exemplo, algumas das páginas do livro referente à artista Lygia Clark, são de verniz prateado e com formas triangulares que se abrem para os lados, buscando, de forma simplificada, mostrar como eram os Bichos criados pela artista. Os livros também apresentam diversas texturas, por exemplo, a capa do livro de Leonilson é de tecido, revelando assim sua poética intimista, que é delicada e forte ao mesmo tempo, sendo que o artista utiliza em seus trabalhos o bordado, mas trata de questões complexas, tais como vida, morte, preconceito, amor e escolhas.

Já na capa de Frans Krajcberg há um detalhe de uma de suas esculturas, que se parece a um só tempo com um botão e com uma planta seca, uma vez que muitas de suas obras se utilizam dessa plasticidade e dessa materialidade. Há ainda aí um apelo à tactilidade, pois o verniz da impressão sobreposta a essa imagem é granuloso e áspero, remetendo assim à experiência do toque de um galho seco, permitindo ao leitor a experiência com uma textura da qual as crianças estão cada vez mais afastadas.

Na capa do livro destinado à artista contemporânea brasileira Lygia Clark, há a imagem de um de seus *Bichos* (série de esculturas, desenvolvidas pela artista, feitas de alumínio e com dobradiças que permitiam ser manuseadas pelo público). O verniz utilizado na impressão da capa, em uma parte da imagem é liso e levemente gelado ao toque, de forma a representar a textura do alumínio, material de que a obra é feita. Ao proporcionar a experiência do tato, por meio da impressão diferenciada, e do manuseio da capa e de páginas internas, o livro retoma, de forma prática, certas características da obra de Lygia Clark, que fez parte do movimento neoconcretista brasileiro, no fim dos anos 50, cuja produção artística buscava o avivamento dos sentidos humanos (tato, olfato, visão, paladar e audição), e para isso as obras requeriam constantemente a participação do público.

No livro que trata sobre a obra de Regina Silveira, além dos elementos táteis e visuais, também permite a construção tridimensional de uma maquete, objeto utilizado pela artista tanto para o estudo de suas instalações, como objeto artístico em si mesmo. Regina Silveira lida em sua obra com conceitos visuais (perspectiva, luz, sombra, deformação, estereótipos), utilizados na prática em sua obra, mas também de forma figurativa, ao relacionar estes conceitos à vida e ao sistema da arte. Para tentar representar estas características da obra de Regina Silveira, o livro possui uma capa dupla, sendo que a capa inferior é branca e está recoberta por uma capa de acetato, plástico rígido e transparente, no qual foram feitas impressões das “sombrias” tão caras à artista, Figura 2.



Figura 2 - Capa e contracapa de acrílico que reproduzem as sombras produzidas pela artista. Apresentam ainda o modo de montagem da maquete e a imagem de um homem, que pode ser recortada e utilizada como se este fosse um espectador. Fonte: Arquivo da Autora.

Esta capa de acetato pode ser removida e se transforma em uma espécie de maquete, reproduzindo em escala a obra da artista em uma exposição, outra opção é utilizar as páginas internas do livro para montar outra maquete, Figura 3. O livro é rico em imagens de páginas inteiras, de excelente qualidade, o que oferece ao leitor, que não conhece seu trabalho e nunca foi a uma exposição da artista, uma boa apresentação de sua obra, que é de grande escala.



Figura 3 - Montagem da maquete feita com as páginas interiores do livro, simulando uma das obras de Regina na galeria e um espectador. Fonte: Arquivo da Autora.

Os livros dessa coleção são compostos por frases e parágrafos curtos, impressos com letras grandes, de fácil leitura. Permitem apreender assim a construção artístico-poética de cada artista, em uma escrita objetiva e descritiva e em outros momentos mais poética, pois apresentam o percurso do artista, de sua produção e apontam, através da amostragem visual das obras, para os problemas enfrentados pelo artista, assim como para os materiais utilizados, Figura 4.

Os livros ainda apresentam nas últimas páginas uma breve biografia do artista e as fotos em miniatura das obras apresentadas ao longo do livro, acompanhadas da descrição técnica da obra, Figura 5.

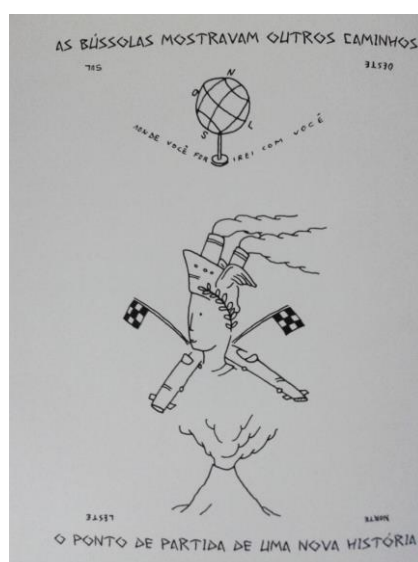


Figura 4 - De forma poética as autoras apresentam a história do artista Leonilson. Fonte: Arquivo da Autora.



Figura 5 - Maiores informações técnicas aos leitores. Fonte: Arquivo da Autora.

As propostas do caderno-ateliê são interessantes, visto que buscam aproximar o público das práticas dos artistas, Figuras 6 e 7. As autoras sugerem, na atividade relacionada à obra de Regina Silveira, que o leitor tente fazer uma maquete, e que assim como a artista, que ele brinque com as proporções dos personagens e objetos colocados na maquete. Ao final das propostas do caderno-ateliê é interessante destacar que as autoras indicam sites e locais onde o leitor pode encontrar mais informações sobre os artistas, instigando a sua curiosidade, além disso, elas convidam o leitor a contar para elas, via e-mail, quais aspectos mais chamaram a sua atenção.

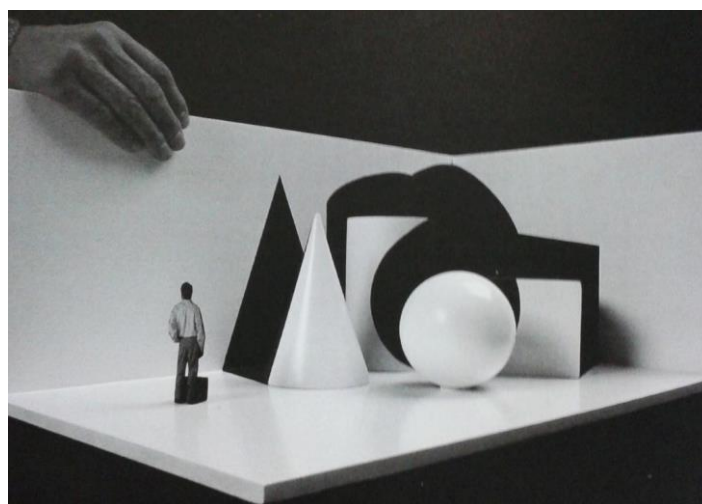


Figura 6 - No caderno-ateliê a obra do artista está presente como forma de exemplificar a atividade a ser desenvolvida, mostrando como é a forma de trabalho do artista.

Fonte: Arquivo da Autora.

Espaços em miniatura

Maquetes são modelos reduzidos de construções, monumentos ou até mesmo de parques e cidades. Muitos artistas, como a própria Regina Silveira, as utilizam para projetar suas obras e planejar em pequena escala como será sua intervenção em espaços arquitetônicos. Exemplo disso é a maquete ao lado, feita para orientar a execução do trabalho *A Lição*, de 2002.

Você também pode construir maquetes. Para começar, utilize como suporte uma caixa sem tampa (pode ser de sapato). Imagine que o espaço interno corresponde a uma sala e desenhe uma pessoa num pedaço de papel, considerando qual seria sua altura em relação às paredes da caixa.

Depois disso, experimente brincar com os tamanhos das coisas, colocando próximo ao desenho da figura humana outras imagens, recortadas de revistas, com objetos grandes em tamanho reduzido e vice-versa (por exemplo, um carro com as mesmas proporções da figura ou ainda uma flor maior que ela).

Figura 7 - Exemplo de atividade proposta pelas autoras, que de certa forma replica a forma de trabalho do artista. Fonte: Arquivo da Autora.

É imprescindível para o ensino de arte, que ocorra em algum momento o contato pessoal dos alunos com a obra de arte e com o artista.

Entrar em contato com a arte produzida pelos artistas, [...], implica em nos aproximarmos de objetos, objetos estéticos, produzidos, portanto, num circuito de produção muito específico. A experiência estética com tais objetos modifica nossa existência. Altera o registro de nossa civilidade. Ao entrarmos em contato com uma obra produzida por um artista, nós mesmos experimentamos a “captura no ar das partículas de sentido”. (REQUIÃO, 2013, p. 115)

Este contato direto com a obra original, muitas vezes se torna difícil diante da realidade sociocultural dos alunos de escolas públicas, devido à dificuldade de locomoção, financeiras e até mesmo entraves burocráticos da escola. Cabe ao professor, caso não consiga proporcionar este contato direto com a obra original, buscar alternativas que propiciem uma experiência semelhante. Ao apresentar esta coleção de livros, para as crianças participantes das oficinas desenvolvidas durante esta pesquisa, foi possível notar que houve uma “experiência estética” no momento em que as crianças manipularam cada um dos livros. Os estímulos táteis, visuais e lúdicos, presentes em cada livro convidavam as crianças à manipulação, observação e reflexão sobre seu conteúdo, mantendo-as envolvidas na experiência.

Ficou evidente, ao longo dos dias, que “o livro infantil mantém o papel de estimular a criança a ser criança, a criar. [...] O texto e imagem juntos dão ao leitor o poder de criar na sua cabeça a única história que realmente interessa. A história dele.” (LINS, 2004, Pg. 31). Destaca-se ainda a potência estética e lúdica guardada por cada um desses livros em sua capacidade de atrair as crianças, enriquecendo as atividades práticas e mediando o contato entre a obra do artista e seu público.

As oficinas desenvolvidas a partir da análise destes livros ocorreram durante os meses de março e abril de 2013, com tempo total previsto para 50 minutos cada uma delas. Foram todas constituídas por atividades semi-estruturadas, passíveis a mudanças e alterações na ordem prevista, consideradas as necessidades de entendimento, aprendizagem e envolvimento das crianças. Ao longo das oficinas, foram registrados as ações e comentários das crianças, seus trabalhos e suas conversas.

Para cada uma das oficinas desenvolvidas, foi escolhido um artista que serviria de base para a atividade proposta, considerando estes serem artistas de referência no campo da arte contemporânea brasileira, e extremamente relevantes pela riqueza de sua produção artística. Os artistas escolhidos foram Lygia Clark, Frans Krajcberg, Regina Silveira, Bispo do Rosário (presentes na coleção *Arte à Primeira Vista*) e Hélio Oiticica que foi relacionado com a obra de Bispo do Rosário devido ao fato de trabalhar com espécies de mantos (parangolés) e devido à sua importância na arte contemporânea. As obras dos artistas foram mostradas para as crianças, por meio dos livros e de imagens impressas, e suas práticas artísticas foram “replicadas” pelas crianças durante as oficinas. Os aspectos mais diretamente envolvidos pelo *pensamento poético de cada artista*, são apoios indubitáveis para o desenvolvimento artístico, sensível, estético e cognitivo da criança em fase de formação inicial.

Na primeira oficina, buscou-se descobrir a opinião que as crianças apresentam sobre a arte, e desenvolver relações entre o real e o imaginário. Buscou-se também, instigar a simplificação, abstração e a improvisação criativa. Esta oficina teve como base a série de esculturas, *Bichos*, da artista contemporânea brasileira Lygia Clark, participante, no final da década de 50 do movimento neoconcreto brasileiro que afirmava que arte não é apenas um objeto, e não é apenas racional, mas possui expressividade, subjetividade e sensibilidade. Assim, as obras deste movimento artístico abordavam os sentidos humanos, e convidavam o público a fazer parte da obra tocando, ouvindo, vestindo, manipulando, tornando-se parte da obra e ao mesmo tempo coautor. As esculturas de Lygia Clark, pertencentes à série *Bichos*, foram feitas de metal e possuem dobradiças que permitem ao público entrar em contato com a obra, modificando suas posições. Dessa forma, a artista trabalha estimulando os sentidos perceptivos, e conta com a participação ativa do público. Esta obra foi escolhida para ser trabalhada, pois tanto seu título como sua forma, remetem à figura do bicho, animal de estimação, monstro, personagem do desenho animado. Trata-se de uma figura presente no cotidiano infantil.

Na oficina, as crianças, após terem analisado as imagens presentes no livro da coleção *Arte à Primeira Vista (2009)*, deveriam criar o seu próprio bicho, utilizando apenas a técnica de dobradura de uma folha de papel. Elas foram instigadas a desenvolver sua criatividade e reflexão, além de estimuladas a ampliar sua percepção espacial, ao terem que criar um objeto tridimensional a partir de um objeto bidimensional, a folha. Um menino disse que aquilo que estava vendo, aquela imagem do *Bicho* de Lygia Clark, era um “bicho robô”, fato que demonstra a rápida relação que ele estabeleceu entre o material visível na imagem, de que os *Bichos* são feitos e a figura do robô, que faz parte de seu cotidiano. Essa sua contribuição incorporada na oficina e bem recebida pelos colegas, tornou a atividade mais

interessante e prazerosa para as crianças. De acordo com Huizinga (1990, pág. 16) a função do jogo pode ser definida por dois aspectos fundamentais: um deles é a luta por algo e o outro é a busca pela representação de alguma coisa. Neste caso, foi o que a criança fez, inconscientemente ela buscou representar, por meio de sua dobradura, a união entre a obra da artista, e o “bicho robô” que imaginou. Algumas das crianças conseguiram formas muito próximas às presentes nas obras de Clark, e atingiram com certa facilidade as possibilidades das formas tridimensionais, como se pode perceber na Figura 8, abaixo. Muitas delas brincaram com seus bichos, ao final da oficina, demonstrando o quanto aquele objeto feito por elas teve um sentido específico, proporcionando a elas certa experiência, tendo sido significativo. Minha expectativa é de que quando mais velhas, as crianças relembrem da experiência e passem a contar o que fizeram na escola neste dia.



Figura 8 - Trabalho em papel, a partir de formas tridimensionais; lembram a figura de um bicho; remetem à obra de Lygia Clark, 2013. Foto: acervo da autora. Fonte: Arquivo da Autora.

A segunda oficina buscou instigar a observação do entorno cotidiano da escola, promovendo uma caminhada como forma de observação atenta do local cotidiano. Incitar o uso de materiais orgânicos para a criação da produção e instigar o olhar e o toque, como a consciência ecológica. Para isso, teve como base a obra do pintor, escultor, gravador e fotógrafo Frans Krajcberg, artista contemporâneo, que tem como grande tema de sua poética, e de sua vida, o ativismo ecológico, onde denuncia a ação exploratória e irresponsável do homem sobre a natureza, por meio de suas esculturas, gravuras e fotografias. Ele utiliza em suas obras materiais orgânicos, coletados no entorno natural, materiais degradados seja pela ação do homem, como as árvores de queimadas, ou pela própria ação do tempo.

Esta oficina buscou ampliar a percepção visual e tátil, além da percepção sobre a tridimensionalidade e o espaço circundante. A atividade consistiu em um passeio pelo pátio da escola, quando as crianças deveriam recolher materiais ali abandonados para

produzirem uma composição tridimensional no retorno à sala de aula. Durante o passeio, as crianças foram instigadas a observar o ambiente cotidiano e a reconhecer texturas, por meio do tato e da visão atenta. Foi possível perceber, pelo diálogo estabelecido, que muitas crianças observaram detalhes que não haviam percebido antes. Muitas sentiram certo estranhamento ao tocarem nas cascas das árvores, no revestimento das calçadas, na terra e em outras texturas. Com relação à produção tridimensional a ser elaborada, foi possível notar ainda a permanência do desenho, porém adicionaram pedras, folhas e elementos tridimensionais ao traçado que aos poucos deixou de ser bidimensional. A folha de papel, em algumas produções foi utilizada como base para a composição tridimensional. Por isso, é importante que pais e professores propiciem o contato das crianças com diferentes materiais, a fim de que elas não permaneçam atadas apenas a um tipo de suporte e técnica, mas possam ter a chance de criar de diversas formas possíveis, pois

[...] nada é mais adequado à criança do que irmanar em suas construções os materiais mais heterogêneos – pedras, plastilina, madeira, papel. Por outro lado, ninguém é mais casto em relação aos materiais do que as crianças: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúne na solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras. (BENJAMIN, 2002, Pg. 92)

Uma menina conseguiu perceber e demonstrar em sua criação esta exuberância da simplicidade dos materiais, ela conseguiu extrapolar a bidimensionalidade ao criar um objeto realmente abstrato e tridimensional, utilizando apenas os elementos coletados e um fio de barbante, como podemos observar na Figura 9, abaixo.



Figura 9 - Este trabalho com a tridimensionalidade, bastante simples, atingiu bom grau de abstração, sem ter como base o desenho. Foto: Fonte: Arquivo da Autora.

Tais experiências promovem um deslocamento no próprio pensamento das crianças, no momento que elas percebem novas possibilidades de construção artística, elas também percebem o mundo de forma diferente, passam a ter a consciência de que existem diferentes maneiras de criar algo, ou de resolver uma questão, dessa forma seu modo de agir no mundo e de percebê-lo se torna mais criativo.

A terceira oficina teve como referência a obra da artista Regina Silveira, que aborda principalmente as distorções dos objetos e do espaço, a perspectiva e as ilusões da representação como por exemplo a sua obra “Quimera”, uma ilusão de óptica que também apresenta uma metalinguagem, sendo que uma lâmpada real emite uma sombra fictícia, criada pela artista e não a luz.

Com o objetivo de refletir sobre a deformação do corpo físico real a partir da luz e da sombra, foi feito nesta oficina, um “jogo de sombras” no pátio da escola. As crianças, usando as mãos, fizeram sombras com formas de animais. Logo após, elas tinham que desenhar a sombra de um brinquedo ou objeto escolhido.

Foi interessante perceber a surpresa e a alegria das crianças quando conseguiam produzir a forma dos animais na parede, utilizando apenas suas mãos. Elas também pareciam satisfeitas em tentar reproduzir a sombra dos objetos. Cabe salientar que a obra da artista causou grande alvoroço nas crianças com relação à deformação das formas reais. Como afirmam as autoras Mirian Celeste Martins, Gisa Picosque e M. Terezinha. T. Guerra (2010, p.37), “o objeto artístico é, ele próprio, uma metáfora. E, por isso, se faz imagem que mostra de um modo outro aos nossos sentidos o pensamento/sentimento das coisas, resgatando em nós uma surpresa ao vê-las”. Ou seja, no momento em que a artista nos chama a refletir sobre sua obra simbólica, estamos refletindo sobre o nosso próprio cotidiano, não só sobre as deformações de luz e sombra, mas as deformações de nós como seres humanos, de nossa subjetividade. Desta forma a obra de arte proporciona às crianças, na sua maneira cognitiva, um alargamento de seu modo de ver, perceber o mundo, de pensar sobre ele, de estar nele.

A quarta oficina buscou instigar a consciência da relação existente entre arte, corpo e movimento. Instigar a expressão do interior de cada criança, como forma de representação de si mesmo. Propor a relação entre a produção feita na oficina com o movimento, a fluidez e o corpo, a partir de seu uso. Teve como base as obras de Bispo do Rosário e Hélio Oiticica.

Hélio Oiticica, junto de Lygia Clark, também fez parte do movimento neoconcreto brasileiro, que surge no final dos anos 50. Oiticica é reconhecido internacionalmente e considerado um artista revolucionário, pois criou o conceito de “suprassensorial”, onde o público deixa de ser apenas um espectador e passa a participar da obra. Assim, a obra deixa de ser apenas contemplada e passa a afetar o comportamento deste indivíduo, de forma estética, social, política, ética, despertando sua criatividade e expressividade, desvinculando-as de conceitos pré- estabelecidos. Dentre tantas obras que incitavam a participação do espectador, Hélio Oiticica criou o *Parangolé*, que é um tipo de capa feita de panos coloridos que ficam à mostra, dependendo do movimento feito pela pessoa que veste o *Parangolé*, emprestando seu corpo à obra. Oiticica buscava uma livre expressão tanto dos movimentos como das ideias.

Arthur Bispo do Rosário foi reconhecido como artista, no fim de sua vida. Em 1938, após se autodenominar um enviado de Deus, foi internado em um hospício de Jacarepaguá, Rio de Janeiro, sob o diagnóstico de esquizofrênico-paranóico, onde permaneceu por mais de 50 anos. Bispo do Rosário não pensava sobre conceitos do sistema de artes, mas apresentou em sua produção artística, resquícios de sua vida, suas memórias, seus pensamentos e visões. Os objetos criados por Bispo foram produzidos com materiais recolhidos do lixo, sucatas, restos de roupas, calçados e linhas retiradas dos uniformes dos demais internos, que serviam principalmente para compor as escritas bordadas, um dos principais elementos que caracterizam sua obra. Os materiais eram organizados de forma harmoniosa, com preocupações estéticas, que buscaram representar os momentos de sua vida, partes de sua memória e de sua imaginação. Uma de suas obras mais conhecidas é o *Manto da Apresentação*, que segundo Bispo, seria o manto usado por ele no dia do Juízo Final, evento apresentado na bíblia cristã como o dia em que Deus julgará cada vida na Terra.

Nesta oficina, as crianças receberam um “manto de papel” e ali elas deveriam expressar sua criatividade, seus gostos pessoais, seus pensamentos, utilizando tinta, papéis coloridos, cola, lápis de cor e lápis de desenho. Foi possível notar que tão logo vestiram seus “mantos”, elas mesmas iniciaram um tipo de dança, de movimento, e observavam os papéis coloridos se movimentarem de acordo com o mover de seus braços, suas pernas, seus corpos. As crianças pareciam felizes fazendo seus “mantos” e os vestindo, Figura 10. Acredita-se que a materialidade, o movimento e o resultado final do “manto” teria melhor se adaptado caso fosse confeccionado com tecidos coloridos, assim também se aproximaria do resultado material final da obra dos artistas Hélio Oiticica e Bispo do Rosário.



Figura 10 - A felicidade das crianças foi grande, mesmo o manto tendo sido feito em papel.
Fonte: Arquivo da Autora.

No momento em que as crianças tiveram a oportunidade de conhecer e produzir por meio da linguagem da arte, proporcionando uma visão diferenciada da escola e da arte, “extrapolaram o que era previsível e conhecido”, e ampliaram a sua forma de ver a realidade presente. Além disso, foi estabelecida uma relação entre cada atividade desenvolvida nas oficinas e a figura do “bicho”, sendo este um elemento presente na vida das crianças, não só na forma do bicho de estimação, mas principalmente na forma de “bicho-brinquedo”, desde os vistos nos desenhos animados e nos brinquedos propriamente ditos, como também nos bichos imitados e imaginados em suas brincadeiras. Também foi enfatizada a consciência do corpo físico e do entorno imediato das crianças.

Sendo assim, buscou-se com esta pesquisa, propor oficinas, focando na valorização do ensino de arte contemporânea desde a tenra infância, sendo que esta é o reflexo de quem somos na vida adulta. A arte contemporânea, por suas características peculiares, torna-se um excelente meio de promoção de experiências lúdicas e estéticas, assim como proporciona um alargamento no modo de ver e pensar o mundo, de uma forma mais atenta e crítica.

Ao longo do processo, pôde-se perceber também, a importância do livro paradidático infantil, aqui representado pela coleção *Arte à Primeira Vista (2009)*, que serve como mediador na relação entre a criança e a obra do artista. Atua também como promotor de experiências estéticas, devido sua carga lúdica, inserida tanto no texto escrito, como nas imagens, nas texturas da impressão, nos elementos de manipulação e interação disponibilizados por cada livro.

Com relação às oficinas, embora não seja possível medir os resultados relacionados ao desenvolvimento expressivo e cognitivo das crianças ou à valorização da arte a longo prazo. Seria algo que só no futuro se poderia vir a identificar, caso eu tivesse a oportunidade de reencontrar estas crianças e investigar se elas ainda possuem alguma lembrança das oficinas e se houve alguma repercussão ao longo de suas vidas. O que posso considerar no momento é que todos aqueles que participaram das oficinas tiveram algum contato e certa experiência com a Arte Contemporânea. Isso poderá auxiliar na relação destas crianças com a arte, incorporando em suas vidas os saberes que só esta proporciona. O ideal é que elas permaneçam tendo este tipo de atividades e educação estética desde a pré-escola até o fim de seu ensino fundamental e médio, para que a arte possa realmente fazer parte de suas vidas e ser valorizada por eles.

A Arte é o objeto resultante da expressão da subjetividade humana, um produto cuja fruição depende não apenas de uma mera recepção sensorial, mas de uma afinada percepção, cognitivo-sensível, que deve ser estimulada e desenvolvida de forma prática. Desta forma, ensinar a contemporaneidade da arte, desde a infância, é legitimar esta “expressão” como algo vivo e pulsante em nosso cotidiano. Isso se faz necessário na educação estética e, particularmente, amplia os modos de conhecer, aprender, refletir, sentir e expressar. Tarefa deste nosso tempo.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança o brinquedo e a educação.** Tradução Marcus Vinicius Mazzari. 34ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens.** Ed. Perspectiva. São Paulo: 1990.

LINS, Guto. **Livro Infantil? Projeto Gráfico, metodologia, subjetividade.** São Paulo: Edições Rosari, 2004.

MARTINS, Mirian Celeste. PICOSQUE, Gisa. GUERRA, M. Terezinha Telles. **Teoria e Prática do Ensino de Arte – A Língua do Mundo.** São Paulo: FTD, 2010.

PAIVA, A. P. **O que é um livro-brinquedo?** Entrevista concedida ao CEALE – Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da FaE/UFMG em 07 de agosto de 2013. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/o-que-e-um-livro-brinquedo.html>
Acesso em: 27 de janeiro de 2014.

REQUIÃO, Renata Azevedo. Na literatura (como na arte), a experiência do viver com: algumas passagens. **Revista Paralelo 31.** Pelotas, v.1, p. 108-127 dez. 2013. Online. Disponível em:
http://wp.ufpel.edu.br/mestradoartesvisuais/files/2014/01/01_paralelo31_dezembro2013_completa.pdf
Acessado em: 20 de março de 2014

SANT'ANNA, Renata. PRATES, Valquíria. **Lygia Clark: linhas vivas.** Coleção Arte à Primeira Vista. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. **Frans Krajcberg: A obra que não queremos ver.** Coleção Arte à Primeira Vista. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. **Gigante com flores: Leonilson.** Coleção Arte à Primeira Vista. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. **O olho e o lugar: Regina Silveira.** Coleção Arte à Primeira Vista. São Paulo: Paulinas, 2009.